



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

TRIANGULAÇÃO NA PESQUISA EM SAÚDE: PRINCÍPIOS, POSSIBILIDADES E DESAFIOS¹

**Rosane Paula Nierotka², Álisson Maurício Monteiro³, Maria Elisabeth
Kleba Da Silva⁴**

¹ Reflexões e estudos realizados em uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Unochapecó

² Fisioterapeuta. Mestre em Envelhecimento Humano pela UPF. Doutoranda com bolsa CAPES no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ).

³ Psicólogo. Mestrando com bolsa Capes no Programa de Pós-Graduação stricto sensu em Ciências da Saúde da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ).

⁴ Enfermeira. Doutora em Filosofia - Universitat Bremen (2000) e pós doutorado em enfermagem pela UFSC. Professora da Área de Ciências da Saúde e dos Programas de Pós-Graduação em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais e em Ciências da Saúde (Mestrado e Doutorado) da Unochapecó.

Resumo

Introdução: A triangulação situa-se como importante estratégia na pesquisa científica. Rompe com hegemonia e dicotomias metodológicas, apresentando possibilidades diversas de investigação. Assim, o presente trabalho apresenta uma reflexão teórica, a partir de revisão bibliográfica sistematizada, sobre a triangulação em pesquisa. **Objetivo:** Discutir o emprego da triangulação na pesquisa, apontando princípios, possibilidades e desafios. **Resultado:** A triangulação pode envolver uma variedade de dados, investigadores, teorias e métodos no estudo de um mesmo objeto, para assegurar uma compreensão crítica e em profundidade da realidade estudada e também conferir validade à pesquisa. Relacionar dados quantitativos e qualitativos, integrar múltiplos pesquisadores, convergir dados díspares e pesquisar numa perspectiva interdisciplinar são possibilidades e, também, desafios no uso da triangulação. **Conclusão:** O emprego da triangulação pode qualificar, aprofundar e validar uma pesquisa. Nesse processo, é importante seguir um percurso lógico e coerente, conferindo amplitude e legitimidade à pesquisa. Assim, pode-se construir conhecimento crítico, amplo e válido.

Introdução

A triangulação foi empregada originalmente pela navegação e na cartografia, como um método para determinar uma posição geográfica desconhecida, utilizando-se de diferentes pontos de referência. O termo foi utilizado na investigação científica pela primeira vez nos estudos de Campbell e Fiske, em 1959, no sentido de que múltiplas perspectivas conferissem maior validade à pesquisa. Arias (2002) cita que, a partir disso, outros autores esboçam definições ampliadas de triangulação no campo da pesquisa, contemplando a combinação de métodos (qualitativos e quantitativos), teorias, pesquisadores e fontes de dados diferentes, para abordar melhor os fenômenos/objetos singulares sobre os quais se investiga. Com isso, a triangulação foi adquirindo



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

contornos cada vez mais ampliados, sendo uma estratégia utilizada por pesquisadores de diversas áreas, não somente para combinar e articular métodos distintos na investigação científica, mas também como ruptura na hegemonia de um único método e das dicotomias metodológicas representadas, principalmente, pelo binômio quantitativo/qualitativo. (AZEVEDO et al., 2013).

Nesse contexto, destaca-se Denzin (1989), que amplia o conceito de triangulação compreendendo-a como algo mais amplo que o uso de múltiplos métodos no estudo de um mesmo objeto, recurso utilizado, muitas vezes, para conferir maior validade ao desenvolvimento da pesquisa. Segundo o autor, a triangulação é uma alternativa à validação, pois possibilita uma compreensão em profundidade do objeto estudado (DENZIN, 1989). Denzin (1989) aponta que a triangulação pode envolver a combinação de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, materiais empíricos e técnicas de coleta de dados diversos, assim como a participação de vários investigadores num só estudo, podendo ser vista como “uma estratégia para acrescentar rigor, amplitude, complexidade, riqueza, e profundidade a qualquer investigação” (DENZIN, LINCON, 2006, p. 31).

Atualmente, Uwe Flick (2009, 2013) e Minayo (2014) são autores que tem desenvolvido importantes discussões sobre o conceito de triangulação, contribuindo com o marco teórico desta estratégia de investigação. Para Flick (2013, p. 243), a triangulação é uma “combinação de métodos, pesquisadores, circunstâncias locais e temporais e perspectivas teóricas diferentes para tratar de um fenômeno”. Esse autor destaca que a importância da triangulação não reside na possibilidade de validar os resultados obtidos por diferentes métodos, mas é o próprio processo de pesquisa que valida os instrumentos, pois considera a triangulação como “uma combinação de perspectivas de investigação apropriadas e de métodos que sejam idôneos para levar em consideração o maior número de aspectos possíveis de um problema” (FLICK, 2013, p. 64). Minayo (2014) também propõe o uso da triangulação para ampliar o escopo da pesquisa, tanto na ampliação do universo informacional quanto na análise empreendida em torno de um objeto. A autora destaca o uso da triangulação na pesquisa social, abarcando diferentes variáveis, considerando o contexto, a história, as relações e representações, a visão de vários informantes e o emprego de técnicas variadas na coleta de dados, que possibilitem a combinação e o cruzamento de múltiplos pontos de vista no processo de investigação (MINAYO, 2010). Nesse sentido, os autores corroboram com Denzin (1989) e situam a triangulação como importante estratégia na pesquisa científica, enriquecendo a compressão de um fenômeno sob olhares múltiplos, permitindo emergir novas ou mais profundas dimensões.

A integração de métodos quantitativos e qualitativos há muito é ensaiada por pesquisadores em saúde, à revelia dos posicionamentos mais pragmáticos, que encontram ressonância no paradigma positivista (LANDIN et al. 2006). De fato, a triangulação possibilita a criatividade dos pesquisadores em superar práticas hegemônicas e ampliar as perspectivas de investigação científica. A triangulação, com sua perspectiva ampliada da realidade, se mostra útil na abordagem da complexidade que compõe a pesquisa empírica (LANDIN et al. 2006). Na pesquisa em saúde, a complexidade reside justamente na compreensão do homem como um ser simultaneamente físico, biológico, social, cultural, psíquico e espiritual, sendo que os fenômenos a serem investigados emergem desse contexto multidimensional. Considerando o que dispõe a Política Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação em Saúde (PNCTIS), a importância de



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

pesquisas na área da saúde está em produzir conhecimentos técnicos e científicos ajustados às necessidades econômicas, sociais, culturais e políticas do País, respeitando as definições de validade e rigor metodológico do meio científico. Para tanto, considera-se que a pesquisa em saúde deve superar a perspectiva disciplinar e caminhar na direção da integralidade e interdisciplinaridade (BRASIL, 2008). Complexidade, interdisciplinaridade e triangulação convergem, portanto, numa perspectiva ampliada de pesquisa, tão necessária à produção de novos conhecimentos em saúde.

Nesse contexto, o emprego adequado da estratégia de triangulação pode contribuir com o aperfeiçoamento das pesquisas na área da saúde, ampliando e aprofundando a compreensão de fenômenos complexos, com rigor e ética. Assim, justifica-se o disposto neste trabalho, que tem como objetivo discutir o emprego da triangulação na pesquisa em saúde, apontando princípios, possibilidades e desafios dessa estratégia metodológica.

Metodologia

Este texto trata-se de uma reflexão teórica. É derivado de estudos e discussões realizadas entre agosto e novembro de 2018 na disciplina de Pesquisa Qualitativa, do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Saúde (PPGCS) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). O texto caracteriza-se como um estudo exploratório e explicativo (GIL, 2010), cujo objetivo é proporcionar uma maior familiaridade com o tema, com vistas a discutir seus aspectos centrais e torná-los mais explícitos. Com relação aos procedimentos técnicos, este trabalho se classifica em revisão bibliográfica sistematizada, pois, segundo Gil (2010, p. 65) “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Princípios da triangulação na pesquisa científica

Considerando a proposição de Denzin (1989), há quatro tipos de triangulação: de dados, de investigadores, de teorias e de métodos. A triangulação de dados compreende o uso de diferentes fontes de dados, coletados em diferentes datas ou locais, com pessoas, grupos ou coletivo de pessoas distintos, de modo a obter uma descrição mais rica e detalhada dos fenômenos. A triangulação do investigador ocorre quando dois ou mais investigadores/observadores, que partem do mesmo campo de conhecimento, mas com experiências diferentes, observam um determinado objeto e contribuem com perspectivas, reflexões e análises diferentes, cada qual com seu viés disciplinar, mas cada um com papel predominante no estudo (Denzin, 1989; Arias, 2002; Flick, 2009). Na triangulação da teoria um determinado fenômeno é abordado por múltiplas perspectivas e hipóteses teóricas, com objetivo de estender a capacidade de produção do conhecimento.

A triangulação metodológica é o tipo de triangulação mais estudada e aplicada, envolvendo a combinação de diferentes métodos para compreender aspectos da realidade (AZEVEDO et al., 2013). Quebrando a dicotomia entre o quanti/quali, sujeito/objeto ou macro/micro de uma pesquisa (MINAYO, 2014), a triangulação metodológica exerce uma função de superação dialética do objetivismo puro em função do conhecimento e valorização dos significados, interações e participações. A triangulação metodológica envolve uma equipe com diferentes competências



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

disciplinares que desejam trabalhar de forma cooperativa em todas as etapas de uma pesquisa, utilizando de métodos e disciplinas distintas, aproximando o quantitativo e o qualitativo na investigação e reflexão de um mesmo objeto. Nessa combinação, as especificidades metodológicas de cada disciplina não se dissolvem, conservam-se as especificidades na perspectiva de pesquisa inter ou transdisciplinar (MINAYO, 2014).

Quando se trata de triangulação metodológica é importante considerar a distinção entre a triangulação dentro do método e a triangulação entre métodos. Denzin fala em triangulação dentro do método quando faz-se a combinação de diversas técnicas de coleta de dados, que se aproximam pela perspectiva metodológica, para analisar a mesma variável. Por exemplo, em um estudo qualitativo pode ser utilizada a entrevista e a observação para coletar informações acerca do mesmo objeto de estudo, conferindo, segundo Minayo (2014), maior confiabilidade à perspectiva metodológica empregada. Na triangulação entre os métodos, utilizam-se diferentes técnicas de coleta de informações que se enquadram em métodos de pesquisa diferentes, o que pressupõe a aproximação entre métodos quantitativos e qualitativos (FLICK, 2009; ARIAS, 2002). Essa aproximação, segundo Minayo (2014), permite dar conta de um fenômeno social de forma mais abrangente, obtendo também maior grau de validade.

A partir dessa tipologia, Flick (2009) aponta também para a categoria referente à triangulação múltipla, que congrega dois ou mais tipos de triangulação, a exemplo de pesquisa com triangulação metodológica e de pesquisador.

Possibilidades e desafios no emprego da triangulação

A triangulação se caracteriza como importante construto para a pesquisa qualitativa, na medida em que não apenas amplia a perspectiva metodológica, mas também propicia maior profundidade nas análises, resultados mais confiáveis e estudos com maior validade e abrangência. Contudo, desafios se põem no caminho da triangulação, como apontam Denzin (1989) e Flick (2009), além de Morse (1991), Azevedo et al. (2013), Duarte (2009), Oliveira (2015) e Minayo (2014).

Para Denzin (1989), o primeiro e mais óbvio problema é identificar uma unidade comum de observação, ou seja, um fenômeno que comporte a aplicação da triangulação. Da mesma forma, a escolha do tipo de triangulação mais adequado situa-se como um segundo desafio, tendo em vista que o estudo de cada fenômeno demanda e, também, possibilita, diversas perspectivas de triangulação. Outro problema, quando se opta pela triangulação múltipla, envolve as restrições de tempo e dinheiro, assim como a inacessibilidade de áreas, tipos ou níveis de dados importantes (DENZIN, 1989).

Flick (2009), por meio de discussões teóricas e metodológicas sobre o conceito de triangulação, destaca o desafio da legitimidade do uso desta estratégia em determinados estudos. Segundo o autor, o emprego da triangulação somente é legítimo “[...] se diferentes abordagens tiverem a mesma relevância no planejamento de um estudo, coleta e análise de dados, e se forem aplicadas com consistência” (FLICK, 2009, p. 74). Desse modo, simplesmente estudar o mesmo objeto triangulando diferentes métodos não garante congruência à pesquisa, pois essa triangulação “[...] pode mostrar distintas formas de constituir uma questão, que podem se complementar ou se



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

contradizer” (FLICK, 2009, p. 74). Nessa perspectiva, a triangulação mostra diferentes construções de um fenômeno, sendo “[...] adequada e esclarecedora quando não apenas os métodos estiverem ligados, mas também as perspectivas teóricas vinculadas a eles” (FLICK, 2009, p. 75), tecendo não apenas a avaliação da validade dos resultados, mas também a produção de mais conhecimento.

Segundo Arias (2002), ao explorar os princípios que subjazem ao uso da triangulação, Morse (1991) aponta para algumas preocupações e dificuldades no seu emprego. De acordo com Morse (1991), ao triangular conceitos, métodos ou dados pode-se chegar ao sucesso ou ao fracasso, visto a dificuldade na combinação de dados textuais e numéricos, bem como das contribuições de diferentes investigadores e distintas perspectivas teóricas e metodológicas. Esses desafios se relacionam com a importância de haver consistência entre o propósito e o problema de investigação, o método usado, a seleção da mostra e a interpretação dos resultados no estudo de triangulação (ARIAS, 2002).

A estratégia de triangulação possui, segundo Azevedo et al. (2013), algumas deficiências, principalmente no que se refere à questão paradigmática. Considerando os diferentes paradigmas subjacentes aos métodos qualitativos e quantitativos, conformam-se distintas formas de observar a realidade, que podem levar a equívocos de interpretação dos pontos convergentes e divergentes entre os dados coletados com métodos muito diferentes entre si (AZEVEDO et al., 2013). Nas palavras de Oliveira (2015), esse desafio tem como fundamento a tese da comensurabilidade, onde diferentes técnicas metodológicas refletem diferentes epistemologias e, portanto, diferentes hipóteses sobre a natureza do conhecimento. Dessa forma, a combinação de perspectivas quantitativas e qualitativas não seria possível sem contradições epistemológicas. Pois, como cita Azevedo et al. (2013, p. 8), “se um modelo positivista exige rigor na aplicação do método, num modelo construtivista, por exemplo, não se descuida do rigor, mas se advoga que não são os métodos que permitem o encontro da verdade, mas sim os processos de interpretação”. Além disso, o objetivo da triangulação também pode ser subvertido pelo pesquisador e legitimar um método dominante, ou mesmo técnicas de coleta e análise de dados, incorrendo na perda da amplitude da triangulação e em viés do pesquisador (AZEVEDO et al., 2013). Nesse sentido, a própria replicação do estudo de triangulação, na sua variação metodológica, é dificultada.

Ao defender que a triangulação não consiste em retirar conclusões fidedignas e precisas, mas em permitir que os investigadores sejam mais críticos frente aos dados recolhidos, Duarte (2009) alerta para as fontes de erros que a “triangulação” assume ao se restringir a uma questão de validade. Segundo a autora, recorrer a múltiplas fontes de informação ou métodos distintos como forma de ultrapassar erros pode ser enganador, visto que, se cada um dos métodos contiver erros, esses serão duplicados (DUARTE, 2009). Nesse sentido, Duarte (2009) refere que o pesquisador precisa estar atento para as relações de convergência e divergência dos resultados da triangulação, assim como para a possibilidade de complementariedade dos mesmos, sob o prisma de uma base teórica comum que fundamente a discussão dessas relações.

Considerando a triangulação - metodológica, ou abordagem multimétodo - como uma das formas mais completas de pesquisa empírica, Oliveira (2015) realiza uma revisão da literatura



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

apresentando os desafios na sua implementação e indicando formas de enfrentamento. A autora destaca que “essa abordagem assume múltiplas formas de dar sentido ao mundo, e variadas maneiras de ver e ouvir, integrando métodos quantitativos e qualitativos, seja na coleta (geração) ou na análise de dados” (OLIVEIRA, 2015, p. 136). Nesse sentido, para Oliveira (2015), um dos principais desafios na triangulação metodológica é trabalhar na perspectiva de corroboração sem que os métodos quantitativos e qualitativos sejam tratados como uma questão de números versus palavras e, assim, não haja corroboração. Esse desafio, incorre na necessidade de interpretação de evidências díspares. Para que seja possível uma triangulação congruente, Oliveira destaca que “é preciso trabalhar com o pressuposto de que tipos diferentes de métodos produzem tipos diferentes de dados e resultam em formas diferentes de conhecimento” (2015, p. 138). Faz-se necessário, então, assumir o entendimento da amplitude da triangulação (Oliveira, 2015) como recurso para a “[...] produção de diferentes níveis e tipos de explicação, enfocando diferenças em termos de quão precisas, explícitas e amplas as comparações e as explicações podem ser” (OLIVEIRA, 2015, p. 136). Nessa via, a autora destaca as várias possibilidades de combinação e recomenda que, após se certificar que a pergunta ou situação de pesquisa justifica o uso da abordagem multimétodo, deve-se decidir o que combinar, como combinar e em que momento combinar:

Considerando “o que combinar”, deve-se pensar o que constituem dados e quais os tipos de dados a serem combinados, sejam eles qualitativos ou quantitativos. [...] Já o “como combinar”, refere-se às formas de coleta ou geração de dados, como a combinação de técnicas quantitativas e qualitativas. [...] A opção por quais métodos combinar vai depender do nível e do tipo de explicação que se quer produzir e, fundamentalmente, dos aspectos teóricos e conceituais envolvidos na problemática em estudo. [...] Em relação à “em que momento combinar”, considera-se tanto o momento da geração (coleta) dos dados quanto da sua análise. A geração de dados pode se dar basicamente de forma sequencial ou concomitante. (OLIVEIRA, 2015, p. 137).

Ao apropriar-se de diferentes métodos ao longo de uma investigação, os métodos podem seguir uma mesma direção, num plano de estudo/investigação ou até mesmo na análise de dados e na articulação de resultados e, mesmo assim, chegar a resultados diferentes, mas com uma riqueza grande de conhecimento. Surge assim, inquietações referentes à possibilidade de adequar um plano de pesquisa quando se combinam métodos ou ainda a possibilidade de combinar, em um único método, por exemplo, o quantitativo e o qualitativo (DUARTE, 2009).

Seguir um percurso lógico na elaboração de um estudo empregando triangulação é de extrema



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

importância para a sua coerência, amplitude e legitimidade. Flick (2009) destaca quatro aspectos fundantes para o processo de investigação embasado pela abordagem da triangulação: 1) a definição do tipo de pesquisa; 2) os instrumentos de coleta adequados; 3) a definição da população-alvo para construção da amostra; 4) os métodos de análise. Nessa perspectiva, Minayo (2014) reafirma o papel fundamental do pesquisador na condução das pesquisas, e destaca as escolhas metodológicas, as opções técnicas para coleta de dados, análise, interpretação e produção do relatório de pesquisa como etapas indispensáveis no planejamento e desenvolvimento da triangulação. Para tanto, apresenta oito passos para a triangulação metodológica, situando-os no processo de pesquisa. Segundo a autora, ao iniciar um trabalho de pesquisa, no qual será usado como procedimento de investigação a triangulação dos métodos, é fundamental a **formulação do objeto ou pergunta**. Nesta etapa é importante a presença de todos os pesquisadores das diferentes disciplinas envolvidas no projeto, que, juntos, podem definir os objetivos gerais e específicos do trabalho, elaborar um cronograma, os ajustes administrativos e as formas de solução de conflitos e problemas que podem surgir (MINAYO, 2010). Neste momento também, são realizados os acertos quanto a divisão de trabalho, às coordenações, espaços, ritmos e às abordagens, bem como, os conceitos principais a serem trabalhados (MINAYO, 2010).

O segundo passo contempla a **elaboração dos indicadores**. Minayo (2014) cita que esse momento representa, nas palavras de Kant (1980), a *“síntese entre o pensamento e a realidade”*. Um indicador deve permitir medidas quantitativas e qualitativas, com um estreitamento inter e até transdisciplinar, que serão úteis para a intervenção. Para Minayo (2014), é um momento de mediação entre a pergunta central e os instrumentos. Assim como na etapa anterior, é importante a presença de toda equipe de pesquisa, que, juntos, decidem os indicadores mais pertinentes à realidade pesquisada, assim como os critérios e valores de cada um na pesquisa.

Após a elaboração dos indicadores, Minayo (2014) indica como terceiro passo a **definição das fontes de informação**. Segundo a autora, nessa etapa será realizada a construção e discussão do arcabouço teórico sobre cada indicador escolhido, os diferentes atores sociais envolvidos, os documentos institucionais e históricos, dentre outras fontes importantes para representar as informações desejadas. Procede-se assim, a “leitura e revisão bibliográfica sobre o “campo semântico” que possam iluminar conceitos, objetivos, indicadores e sobre investigações semelhantes, com perguntas pertinentes ao problema em estudo” (MINAYO, 2014, p. 164). O quarto passo, da **elaboração dos instrumentos de investigação**, deve ser realizado, segundo Minayo (2014), pelos investigadores organizados em equipes disciplinares, mas com momentos de reuniões coletivas onde serão socializados os instrumentos a fim de adequações ou críticas interdisciplinares. Os instrumentos devem visar o objeto de pesquisa, o ambiente organizacional, as ações e envolvimento dos atores.

O **trabalho de campo**, referente ao quinto passo apresentado por Minayo (2014), exige uma capacitação prévia dos investigadores envolvidos e a definição de uma assessoria ou coordenação executiva que possa estar à frente e tomar decisões sobre o grupo maior. Após o trabalho de campo, o sexto passo refere-se à **análise das informações colhidas**, que deve ser realizada primeiramente de forma separada em cada disciplina e, posteriormente, discutida em ambiente colaborativo, onde os resultados serão compatibilizados e dialogados entre as disciplinas. Na



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

análise das informações devem ser comparados/avaliados os objetivos do estudo, os resultados, as metas, a metodologia utilizada e a relevância dos dados quantitativo e qualitativo, com vistas a promover intercâmbio teórico, valorização e relativização dos achados pela triangulação (MINAYO, 2014).

Após analisar as informações, é necessário proceder a **formulação do informe final**, sétimo passo proposto por Minayo (2014). É realizada uma síntese da construção coletiva de pesquisa, respeitando-se os campos disciplinares, podendo haver ênfases, mas não justaposições. Nesse momento, emprega-se a capacidade dialógica dos pesquisadores na perspectiva amplificadora da triangulação. Esse informe compõe a **comunicação de resultados**, que é o último passo proposto por Minayo (2014) para a triangulação metodológica e visa estabelecer conclusões sobre o trabalho.

Ao seguir detalhadamente um planejamento como o descrito por Minayo (2014), desde o projeto e a análise dos dados até a interpretação dos resultados e, também, na escolha do paradigma epistemológico adotado, acredita-se que a aplicação da triangulação no estudo consiga alcançar a construção de conhecimentos numa perspectiva ampliada, com riqueza em detalhes e rigor metodológico. Destaca-se também a necessidade de estar realizando uma avaliação contínua desses métodos, monitorando se ele está sendo seguido de acordo com os princípios almejados ou não (ARIAS, 2002).

Considerando os desafios e possibilidades relacionados à triangulação na pesquisa científica, principalmente na perspectiva de integração dos métodos qualitativo e quantitativo, “o procedimento de integração vai requerer do pesquisador conhecimento aprofundado dos diferentes métodos utilizados ou, do contrário, que ele trabalhe cooperativamente com outros pesquisadores” (LANDIN, 2006, p. 57). Nessa via, Minayo (2014) aponta a dialética como direção possível, tanto na pesquisa colaborativa quanto individual, na medida em que uma postura dialética “permite criar um processo de dissolução de dicotomias: entre quantitativo e qualitativo; entre macro e micro; entre interior e exterior; entre sujeito e objeto” (MINAYO, 2014, p.32).

Conclusões

Tendo em vista que a principal e mais citada forma de triangulação envolve a abordagem multimétodo, destacamos que a maioria das discussões realizadas abrangem perspectivas qualitativas e quantitativas.

Considera-se que a triangulação desencadeia um estímulo para a criação de métodos mais habilidosos, equilibrando os métodos convencionais de coleta de dados e integrando/sintetizando teorias. Compreendemos que o uso da triangulação como recurso no desenvolvimento de pesquisas é válido, pois permite uma maior abrangência na produção de conhecimento sobre um fenômeno social. A triangulação oferece maior aprofundamento das análises, com resultados mais confiáveis. No entanto, apresenta algumas dificuldades e inquietações, principalmente ao unir diferentes pesquisadores de áreas distintas de conhecimento, com a possibilidade de relacionar dados quantitativos e qualitativos.



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

Contudo, desafios se põem no caminho da triangulação, Esses desafios se caracterizam pela necessidade de desenvolver o processo de triangulação de forma convergente à construção do projeto de pesquisa, considerando sua relevância e legitimidade para o estudo em questão, assim como a coerência com os fundamentos teóricos e epistemológicos que orientam o(s) método(s) usado(s) na coleta análise e a interpretação dos resultados.

Usar a triangulação exige muito estudo, com o conhecimento das técnicas, dos passos a serem seguidas e demanda grande envolvimento dos pesquisadores. Esse envolvimento deve ocorrer com respeito e diálogo desde a fase inicial, ou seja, na construção do projeto de pesquisa e percorrer todas as fases até a apresentação dos resultados. Dessa forma é possível qualificar a pesquisa por meio da triangulação.

Palavras-chave: Métodos de Pesquisa; Triangulação em Pesquisa; Qualidade em Pesquisa.

Agradecimentos: À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES; à Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó.

Referências

ARIAS, Maria Mercedes. La triangulación metodológica: sus principios, alcances y limitaciones. In: MERCADO, Francisco J.M.; GASTALDO, Denise; CALDERÓN, Carlos. **Paradigmas y diseños de la investigación cualitativa en salud: una antología iberoamericana**. Guadalajara: Universidade de Guadalajara, 2002. p. 481-499.

AZEVEDO, Carlos Eduardo Franco et al. A Estratégia de Triangulação: Objetivos, Possibilidades, Limitações e Proximidades com o Pragmatismo. **Anais do IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade**. Brasília, 2013.

BRASIL. Departamento de Ciência e Tecnologia, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos (DECIT). Ministério da Saúde. Pesquisa em Saúde no Brasil. **Rev Saude Publica**, 2008; 42(4):773-775.

DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y. S. (Orgs.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41

DENZIN, N. K. **The Research Act: a theoretical approach to organizational culture research**. New Jersey: Prentice-Hall, Englewood Cliffs, 1989.

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). **CIES e-WORKING PAPER**, Lisboa, n. 60, p. 1-24, 2009. Disponível em: Acesso em: 01 mar.



Tipo de trabalho: TRABALHO COMPLETO (MÍNIMO 08 PÁGINAS, MÁXIMO 15 PÁGINAS)

2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, Bookman, 2009a.

FLICK, Uwe. **Qualidade na Pesquisa Qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LANDIM, F. L. P., et al. Uma Reflexão sobre as Abordagens em Pesquisa com ênfase na integração Qualitativo-Quantitativa. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 19, n. 1, p. 53-58, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: HUCITEC, 2014. 407 p.

MORIN, Edgar. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORSE, J.M. Approaches to qualitative-quantitative methodological triangulation. **Nursing Research**, v. 40, n.1, p.120-132, 1991.

OLIVEIRA, F. L. Triangulação metodológica e abordagem multimétodo na pesquisa sociológica: vantagens e desafios. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 51, n. 2, p. 133-143, 2015.